

MEMÓRIAS URBANAS E A PANDEMIA

XI Seminário Internacional de Memória e Patrimônio, 11^a edição, de 26/10/2021 a 29/10/2021
ISBN dos Anais: 978-65-89908-75-3

FALCAO; CAROLINA CABREIRA MAGALHAES¹, NUNES; JOÃO FERNANDO IGANSI²

RESUMO

Este trabalho reflete sobre as relações memoriais com a cidade no recorte de tempo-espacó imposto pelo isolamento da pandemia do Covid-19, na cidade Pelotas, sul do Rio Grande do Sul. Como esse período – que ainda vivemos – impactou na nova paisagem do isolamento e com isso, novas memórias se formaram. A discussão é sobre como as memórias são formadas nesse contexto de isolamento. Na construção das memórias urbanas que este contexto modificou, impactando sobre os sujeitos e as cidades que habitam.

O ano é 2020 e, através dos dados científicos e da eminência de uma doença que até então só poderia ser freada pelo isolamento, abruptamente abandonamos as ruas e, fomos de forma imposta ou voluntariamente colocados dentro de nossos receptáculos: nossas casas. A necessidade de frear a propagação do vírus mortal da Sars-Cov-2 ou comumente chamado de coronavírus, nos colocou em isolamento e a cidade foi a primeira vítima desse confinamento.

A cidade sempre teve o papel de protagonizar ou servir de cenário para as diversas ações e intervenções da vida humana. É na cidade que construímos e alimentamos o que aqui vamos chamar de uma memória urbana. A imposição da pandemia nos trouxe um novo modo de olhar e viver nas cidades, percebemos que os limites das cidades ultrapassam a sua geografia e, se condensam em uma relação de espaços físicos e pessoas, logo podemos relacionar essas interações com os desejos humanos e suas memórias.

O sentido de cidade só ocorre quando existe interação, ou seja, é na experiência, no encontro que a cidade constrói seus sentidos. Sem essas interrelações a cidade passa a ser um cenário vazio, sem protagonistas e sem memória. Espaços que sem uso, caem na vala comum dos nossos esquecimentos. É na cidade que eternizamos momentos, memórias, onde fazemos nossos recortes na paisagem e, guardamos em nossos acervos memoriais “que nos convertem em indivíduos” como explica o neurocientista Ivan Izquierdo (2018). Quando perdemos esse contato, esse sentido memorial de permanência na cidade, imposto pela pandemia, de que forma isso vai *afectar* nossas aquisições memoriais?

Antes da pandemia o nosso direito à cidade era mais amplo e, cada um à sua maneira, construiu seus percursos, seus lugares de memória, criando seus repertórios com e a partir das cidades. Hoje, esses lugares, esses repertórios estão restritos à realidade vigente: para quem cumpriu e cumpre esse isolamento, o repertório está restrito aos percursos necessários para a vida seguir: uma saída para compra comida, uma caminhada pelo bairro, cenários que muitas vezes, passavam despercebidos e, que a partir dessa nova realidade, passaram a ser contemplados, formando novas lembranças, que refletem esse período. Somos seres políticos, necessitamos da interação, dos espaços e dos encontros na rua, na cidade. Somos o *flanerie* de Baudelaire, em Benjamin (2015) que perambula pela cidade, observando suas silhuetas, seus caminhos e seus efeitos sobre a vida social. Em Benjamin já sustentávamos muitas das discussões acerca da cidade e as pessoas, como essas relações, seus desvios e rastros deixam marcas (memórias) e apagamentos (esquecimentos). Podemos dizer que a cidade é uma grande metáfora, uma figura de pensamento que habita em cada sujeito, sempre alimentada por suas memórias, histórias e paisagens.

E nessa pluralidade de sentidos e sujeitos que a cidade no atual momento, neste recorte espaço-temporal pandêmico, passou do percurso do flanar para o exercício de imaginar, assim como o Imperador de Calvino (1990). O que interessa é a experiência, pois a imagem, a paisagem é muda. É cenário. O que a torna viva é a experiência que acontece nela. E, nesse percurso memorial, alguns autores afirmam que as memórias de curta duração são a porta de entrada para as memórias de longa duração ou remotas, estas perduram por meses, anos e, se baseiam em fatos marcantes. Nisso, pode estar localizada essa memória espaço-temporal da pandemia, o evento, o tempo e o retorno à cidade serão sempre um fato de estudo, de lembrança e (ou não) de lição aprendida. Melhor dizendo, lição aprendida, pelo fato do aprisionamento invisível e voluntário, pelo aprisionamento dos espaços públicos, pelas imagens de esvaziamento das ruas. Esses fatos podem até ser esquecidos, mas os dados que produziram: imagens, discussões, melhorias de condições climáticas são

¹ PPGMP/ UFPEL, carolcmfalcao@gmail.com

² PPGMP/ UFPEL, fernandoigansi@gmail.com

elementos que não podem ser descartados. Considerando que não seja possível desconectar memórias e emoções.

Baseado nos conceitos discutidos em Gondar (2016), não se pode desconectar esses dois elementos, a memória se dá no processo emocional, ou ainda podemos afirmar, através de experiências, de experimentação. A memória não é um elemento fixo, que se organiza em conexões retas. É variável e sujeita a diversos fatores, sendo simultaneamente: lembrança e esquecimento. Desta forma é possível afirmar que as memórias são regidas pelas emoções. Primeiro sentimos algo e, a partir do sentir, evocamos as lembranças que se relacionam com este fato. Ou, sendo um fato inédito, sentimos, nos emocionamos e tornamos esse novo evento uma memória. O processo de memorização vai acontecer na fixação de determinada informação, em dependência do nível de consciência, dos interesses emocionais e dos conhecimentos anteriores sobre o assunto em questão.

Durante a quarentena imposta pela pandemia, a cidade deixou de ser espaço de encontro, nos colocando em um receptáculo de isolamento e causando muitos sentimentos de solidão e ao mesmo tempo de rememoração das experiências vividas na cidade a.P. (antes da Pandemia) e como vai se constituir a cidade p.P. (pós Pandemia). Com a facilidade de comunicação, através da tecnologia, abriram-se novas janelas e novas realidades virtuais tentaram suprir essas ausências da cidade. Mas nada substitui a experiência vivida, pois é sempre no campo sensorial complexo e subjetivo que a vida faz memória.

BENJAMIN, Walter. **Baldaire e a modernidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

CALVINO, Ítalo. **Cidades invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

GONDAR, Jô. **Cinco proposições sobre memória social**. Morpheus: revista de estudos interdisciplinares em memória social, Rio de Janeiro, v. 9, n. 15, 2016.

IZQUIERDO, Ivan. **Memória**. Porto Alegre: Artmed, 2018.

PALAVRAS-CHAVE: Memória urbana, cidades, pandemia